



EDITORIAL / EDITORIAL

SÍNODO PAN-AMAZÔNICO

Pan-Amazonian Synod

Erwin Kräutler¹

Sinivaldo S. Tavares²

Em dia 15 de outubro de 2017, em sua alocução ao *Angelus*, o Papa Francisco comunicou-nos a decisão de convocar uma Assembleia especial do Sínodo dos Bispos para a região panamazônica, a celebrar-se no Vaticano, em outubro de 2019. Na ocasião, explicitava o objetivo principal do Sínodo:

Discernir novos caminhos para a evangelização daquela porção do povo de Deus, especialmente dos indígenas, frequentemente esquecidos e sem a perspectiva de um futuro sereno, também em decorrência da crise da floresta amazônica, pulmão de importância capital para o nosso planeta.

A região amazônica é, de fato, extremamente complexa. Sua difícil caracterização se dá, de imediato, pela imensa extensão territorial: cerca de 7,5 milhões de km, dos quais 5 milhões em território brasileiro. E a principal razão de tamanha complexidade se encontra em sua diversidade biológica e cultural. Entre um hectare de floresta e seu vizinho, por exemplo, inúmeras espécies não se repetem, posto que, neste pequeno espaço, há mais espécies vivas do que em toda a área dos ecossistemas das zonas temperadas do planeta. Incomensurável é também o patrimônio cultural do qual são depositários as populações originárias e também os imigrantes que afluíram à região no curso dos anos. Este rico patrimônio é composto por grande acervo de conhecimentos complexos entranhados em práticas

¹ Arquidiocese de Belém do Pará, Prelazia do Xingu, Brasil.

² Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

medicinais, remédios, domesticação de plantas e animais, culinária, plantas aromáticas e cosméticas, estética, cosmogonias e religiosidades holísticas.

Nas últimas décadas, a situação desta imensa região vem se tornando cada vez mais complexa: de um lado, processos de desmatamento, criação de pastos, instalação de latifúndios, construção de barragens, produção de energia destinada aos complexos minerometalúrgicos; de outro, múltiplas comunidades indígenas, caboclas, ribeirinhas, extrativistas, negras remanescentes de quilombos, mulheres quebradeiras de coco de babaçu, migrantes recém-chegados, assentados, atingidos pelas grandes construções, vítimas das mesmas agruras dos migrantes de ontem. Por tudo isso, atesta-se a existência de distintas e contraditórias experiências no interior de um único e mesmo território. Existem, de fato, várias amazônias na Amazônia e, por isso mesmo, vale lembrar aqui as palavras do grande líder seringueiro Chico Mendes: “Não há defesa da floresta sem os Povos da Floresta”.

O Papa, desde o início do seu pontificado, tem insistido na necessidade – e oportunidade também – de se pôr à escuta dos povos indígenas. A eles deve ser dada especial atenção por serem autóctones e, ao mesmo tempo, os principais atingidos pelas crises que assolam esta imensa região. Esta preocupação tornou-se mais explícita ainda no Discurso do Papa Francisco dirigido aos vários povos indígenas presentes no Encontro entre os Povos da Amazônia, em Puerto Maldonado, em dia 19 de janeiro de 2018. Naquela ocasião, disse o Papa:

Obrigado pela vossa presença e por nos ajudardes a ver mais de perto, nos vossos rostos, o reflexo desta terra. Um rosto plural, de uma variedade infinita e de uma enorme riqueza biológica, cultural e espiritual. Nós, que não habitamos nestas terras, precisamos da vossa sabedoria e dos vossos conhecimentos para podermos penetrar – sem o destruir – no tesouro que encerra esta região, ouvindo ressoar as palavras do Senhor a Moisés: “Tira as tuas sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é uma terra santa” (Ex 3, 5). [...] Quis vir visitar-vos e escutar-vos, para estarmos juntos no coração da Igreja, solidarizarmo-nos com os vossos desafios e, convosco, reafirmarmos uma opção sincera em prol da defesa da vida, defesa da terra e defesa das culturas.

A convocação do Sínodo panamozônico constitui, segundo as palavras do próprio Papa, uma resposta ao “desejo de algumas Conferências Episcopais da América Latina”. De fato, em novembro de 2016, na cidade de Belém do Pará, os 53 bispos participantes do II Encontro da Igreja católica da Amazônia Legal, promovido pela Comissão Episcopal para a Amazônia, subscreveram uma carta-petição endereçada ao Papa Francisco solicitando-lhe a convocação de uma Assembleia sinodal para tratar especificamente dos anseios e esperanças das comunidades eclesiais da Panamazônia. Convém lembrar ainda que, já no encontro com bispos brasileiros, no Rio de Janeiro, em julho de 2013, por ocasião da Jornada Mundial de Juventude, o Papa Francisco referiu-se à Amazônia como “banco de prova” ou “teste decisivo” para a Igreja e sociedade brasileiras.

O sínodo panamazônico insere-se, portanto, na trajetória histórica da caminhada das igrejas dos vários países da América Latina com territórios e populações amazônicos. Como não se recordar, em nosso caso, do primeiro encontro dos bispos da região amazônica brasileira, acontecido entre 24 a 30 de maio de 1972, na cidade de Santarém, no Estado do Pará? Sob o efeito da primavera eclesial que emergiu com a Assembleia continental dos bispos latino-americanos celebrada em Medellín, os bispos da Amazônia brasileira se empenharam na proposição de uma igreja com rosto amazônico, inspirados no mote de Papa Paulo VI: “Cristo aponta para a Amazônia”. Naquela ocasião, recolhendo as experiências e anseios das bases, estabeleceram duas diretrizes básicas e, por consequência, quatro prioridades para a ação pastoral e evangelizadora. As duas diretrizes básicas eram: encarnar-se na realidade por meio da convivência e conhecimento da vida do povo na simplicidade e empenhar-se na evangelização libertadora. E as quatro prioridades: formação de agentes de pastoral, constituição de comunidades cristãs de base como primeiro e fundamental núcleo eclesial, pastoral indigenista e outras estradas e frentes pioneiras. Dois anos mais tarde, no encontro realizado em Manaus, acrescentou-se mais uma prioridade: a juventude. Este período foi vivido como “um novo Pentecostes” caracterizado por um novo jeito de ser Igreja: ministerial, solidária, profética. Bispos, padres, religiosos, religiosas ensaiavam novas maneiras de realizar a missão na simplicidade e na partilha, na dimensão samaritana e profética da fé, na opção pelos pobres, na solidariedade com os excluídos. Fiéis cristãos, homens e mulheres, jovens e adultos, engajavam-se generosamente nas diversas pastorais e movimentos sociais. Esta vitalidade eclesial exprimia-se nas celebrações participativas que uniam fé e vida. Afinal, como conceber esta peculiar vitalidade sem o engajamento generoso de mulheres e homens batizados, sobretudo das mulheres que constituem cerca de dois terços dos membros das comunidades eclesiais amazônicas?

Em dia 8 de março de 2018, ao divulgar os nomes dos 18 membros para a composição do Conselho pré-sinodal, o Papa também tornou conhecido o tema oficial do Sínodo: “Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral”. E, desde então, deu-se início a um fecundo processo de escuta das comunidades eclesiais da região panamazônica. Aconteceram inúmeros encontros de indígenas, quilombolas, ribeirinhos, povo do campo e da cidade, sociedade civil, grupos de outras confissões religiosas para conversar e refletir sobre várias questões que dizem respeito à vida, ao território e à cultura dos povos amazônicos. Falou-se também acerca de suas aspirações em relação à presença da Igreja, sobretudo, no que diz respeito à posição das comunidades cristãs diante de situações de injustiça, pobreza, desigualdade, violências (droga, exploração sexual, discriminação dos povos indígenas, migrantes etc.) e de exclusão. O povo, de fato, falou e expressou seus anseios sobre o papel da Igreja nesta macrorregião. As contribuições das diversas comunidades constituíram o material básico

para a elaboração do *instrumentum laboris* que será utilizado como texto-base para a próxima Assembleia sinodal.

A partir desta escuta atenta, onde os povos amazônicos puderam exprimir suas necessidades e aspirações, passamos a elencar alguns dos grandes desafios postos à Igreja na Amazônia que, esperamos, façam parte da pauta da Assembleia sinodal: 1) reconhecer e valorizar os fiéis batizados, mulheres e homens, no serviço (ministério) às comunidades sem, todavia, clericalizá-los; 2) reconhecer e valorizar o papel da mulher na defesa vigorosa dos direitos humanos e na evangelização da família e das comunidades, admitindo-a ao menos ao ministério do diaconato; 3) buscar alternativas para obviar a “carência de celebrações eucarísticas” em milhares de comunidades cristãs da região, abrindo, quiçá, a possibilidade para outros modelos de presbítero, além do já tradicional reservado apenas a homens; 4) revigorar as Comunidades Eclesiais de Base, primeiro e fundamental núcleo eclesial de dioceses e prelazias; 5) promover a integração de expressões culturais dos povos indígenas na liturgia, fomentando a inculturação dos sacramentos na vida desses mesmos povos; 6) incentivar as congregações religiosas a redescobrirem seu próprio carisma a partir da experiência de inserção nas comunidades amazônicas; 7) sensibilizar e conscientizar a sociedade civil dos países amazônicos e de toda a comunidade internacional acerca da urgência e da imprescindibilidade de se defender o macrobioma panamazônico em face da voracidade do agronegócio, das mineradoras e do capital financeiro; 8) implementar o estudo e aplicação da *Laudato Sí'* no seio das comunidades eclesiais amazônicas; 9) incentivar a pastoral urbana, sobretudo, diante do inchaço das cidades provocado pelo êxodo rural; 10) fomentar o uso de meios modernos de comunicação e de equipamentos apropriados nas dioceses e prelazias.

Com tais sentimentos e expectativas, portanto, nos inserimos no processo já em curso do Sínodo Panamazônico.

Editorial submetido em 15.03.2019 e aprovado em 12.04.2019.

Erwin Krätzler é bispo emérito da Prelazia do Xingu e conselheiro especial do Sínodo para a Pan-Amazônia. E-mail: domerwin@mac.com

Sinivaldo Silva Tavares é frade franciscano e doutor em Teologia Sistemática pela *Pontificia Università Antonianum*, Roma. Desde 2012 é professor de Teologia sistemática e pesquisador no Programa de pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Belo Horizonte. Orcid.org/0000-0002-3617-9116. E-mail: freisinivaldo@gmail.com

Endereço: Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127 – Planalto
31720-300 Belo Horizonte – MG